

# DE WAKANDA PARA A SALA DE AULA:

CULTURA POP MOTIVA ATIVIDADES DIDÁTICAS  
VOLTADAS À REPRESENTATIVIDADE NEGRA

# FROM WAKANDA TO THE CLASSROOM:

POP CULTURE MOTIVATES EDUCATIONAL ACTIVITIES  
AIMED AT BLACK REPRESENTATION

Por/By: Guilherme Profeta

*O texto a seguir é uma publicação da revista bilingue Uniso Ciência, da Universidade de Sorocaba, para fins de divulgação científica.*

*The following story is part of the bilingual magazine Science @ Uniso, published by the University of Sorocaba, for the purpose of scientific outreach.*

*Acesse aqui a edição completa/  
Follow the link to access  
the full magazine:*



Registros de desfile com inspiração africana, realizado pelo curso de graduação em Moda da Uniso em 2019, a partir do filme Pantera Negra

Photo archive of the African-inspired fashion show held by Uniso's Fashion Design undergraduate program in 2019, based on the film Black Panther





Quando a jovem Tamires Dagnes Correa Mendes dos Santos começou a cursar o curso de Jornalismo na Universidade de Sorocaba (Uniso), na época aos 19 anos de idade, ela costumava acordar por volta das 4h30, três horas antes do horário das aulas, todos os dias. Ela conta que o fazia para ter tempo suficiente para alisar os cabelos, naturalmente crespos. “Como se não bastasse”, ela lembra, “eu levava a chapinha comigo e alisava mais uma vez, na Universidade, antes de entrar em aula. Eu ainda estava em processo de aceitação. O racismo é tão enraizado na nossa sociedade que nos faz ter medo e vergonha de mostrar nossos traços mais naturais, como é o caso dos meus cabelos crespos.”

Já na Universidade, a estudante foi exposta a novas narrativas, que a ajudaram a mudar a sua forma de se relacionar com o que ela hoje chama de “discussões da negritude”. Ela passou, a partir daí, a traçar novos limites em relação a situações racistas cotidianas que, até então, considerava toleráveis, e também a se preocupar mais com a representatividade, dentro e fora das telas. “Eu mudei a forma de me relacionar com as pessoas, de ver o mundo e de entender como o mundo me vê”, conta. “Não me submeto mais a atitudes racistas a que eu me submetia antes, as quais, muitas vezes, eu nem mesmo percebia que eram racistas. Em termos de representatividade, houve um avanço muito grande nesse meio tempo; antes, quando eu era criança, nós tínhamos poucos desenhos animados com personagens com os quais eu conseguia me identificar, por exemplo, mas hoje a sociedade entende melhor a necessidade de se ter representatividade negra nas telas. Isso molda o mundo e mostra para aquela menina negra, como eu, que o cabelo dela também é bonito, que os

When Tamires Dagnes Correa Mendes dos Santos started taking Journalism classes at Uniso, back when she was 19, she used to wake up around 4:30 AM every day, three hours before classes started. She tells that she did so because she wanted to have enough time to straighten her hair, which is naturally curly. “As if that weren’t enough,” she recalls, “I used to take the flat iron with me in order to straighten it again before going into class. I was still in the process of acceptance. Racism is so ingrained in our society that it makes us afraid and ashamed to show our most natural features, like my curly hair.”

At the university, the student was exposed to new narratives, which helped her in the process of changing how she related to what she now calls “discussions on blackness.” From then on, she began to draw new limits regarding everyday racist situations that she would consider tolerable until then, and also to be more concerned with representation, both on and off-screen. “I changed the way I relate to people, the way I see the world, and the way I understand how the world sees me,” she says. “I no longer submit myself to racist attitudes, which many times I didn’t even recognize as racist. In terms of representation, there has been a great advance in the meantime; when I was a child, for example, we had just a few cartoons with characters that I could identify with, but nowadays society understands better the need to have black representation on screen. It shapes the world and shows to that black girl out there, just like me, that her hair is beautiful too, that her features are also beautiful, and—most importantly—that her skin does not make her inferior to anyone.”

traços dela também são belos e — o mais importante — que a pele dela não a torna inferior a ninguém.”

Esses novos ideais a levaram a criar um perfil na rede social Instagram, voltado a discutir beleza negra, incluindo dicas de maquiagens para essa tonalidade de pele e produtos específicos (que existem em menor quantidade quando comparados aos produtos voltados à pele branca). Até o fechamento desta edição, os seguidores de sua página passavam dos 21 mil. “Cerca de 80% do meu público é composto por mulheres”, ela estima. “Dessas, há mais mulheres negras interagindo do que as brancas. A maioria sempre quer saber sobre tons de base para pele negra, porque esse ainda é um produto difícil de encontrar, mas também existe uma boa parte que se envolve nas discussões da negritude.”

## **Ao colocar em pauta referências da africanidade, filme Pantera Negra inspirou reflexões e práticas de valorização da cultura negra**

No mesmo período em que Santos alimentava o seu cantinho pessoal na internet e arrebanhava outras jovens em busca de modelos de beleza em que se espelhar, as mesmas discussões sobre representatividade negra ganhavam ampla cobertura na mídia internacional. Em fevereiro de

These new ideals led her to create a profile on the social network Instagram, aimed at discussing black beauty, including makeup tips and specific products for this skin tone (which exist in lesser quantities in comparison to those products aimed at white skin). By the time this issue of the Science @ Uniso magazine was finished, the followers of her page summed up more than 21,000. “Women make up about 80% of my audience,” she estimates. “Out of these, there are more black women interacting than white women. Most of them want to know more about foundation for black skin, because to this day it is a product that is hard to find, but there is also a good amount of girls that get involved in the discussions on blackness.”

## **By turning African references into a hot topic in the public discussion agenda, the film Black Panther inspired appreciation for black culture**

Throughout the same period during which Santos was building up her personal corner on the internet, gathering other young women in search of beauty standards to mirror, the same discussion on black representation gained wide coverage in the international media. In February 2018, the film



2018, foi lançado o filme **PANTERA NEGRA** (*Black Panther*, no original), produzido pelos estúdios da Marvel já sob o controle da Disney, a indisputada gigante do entretenimento. Aclamado tanto pelo público quanto pela crítica, o filme arrecadou mais de US\$ 1 bilhão ao reimaginar a África por meio de um reino fictício, Wakanda, isolado do restante do mundo e detentor de tecnologias ultra-avanzadas, superiores às de qualquer uma das chamadas nações de primeiro mundo. Considerando-se a forma como as pessoas normalmente pensam sobre a África, profundamente marcada pelo colonialismo do passado, Wakanda mostrou-se uma alternativa no imaginário contemporâneo.

“Pantera Negra foi justamente um dos pontos de partida para que eu me interessasse mais pelas discussões da negritude”, Santos continua. “O filme envolve muitas questões relacionadas ao empoderamento e à autoestima. Em relação ao cabelo, por exemplo, nós temos no filme as tranças usadas por algumas personagens, que me ajudaram no processo de transição de um cabelo artificialmente liso a um cabelo crespo natural. As tranças são um forte símbolo de negritude; por mais que estejam ligadas à beleza, elas são muito mais do que isso, para nós elas significam resistência. Então, eu mudei a forma de me ver enquanto mulher negra. Até o lançamento do filme, eu nunca tinha visto algo que me transmitisse tanta representatividade, e foi a partir dele que eu comecei a me aprofundar em outras questões, como o genocídio da população negra e o feminismo negro. Acredito que é assim que um filme como Pantera Negra nos inspira, mostrando a nós mesmos quem nós somos.”

#### **DA SALA DE AULA PARA A PASSARELA**

A professora mestra Aymê Okasaki, docente no curso de Moda da Uniso desde 2017, está envolvida

**BLACK PANTHER**, produced by the Marvel studios already under the control of Disney, the undisputed entertainment giant, was released. Acclaimed by the audiences and also by critics, the film raised more than \$1 billion by reimagining Africa through the lens of a fictional kingdom, Wakanda, isolated from the rest of the world and holding ultra-advanced technologies, superior to any technology possessed by the so-called first world nations. Considering the way people normally think about Africa, deeply marked by the colonialism of the past, Wakanda proved to be an alternative in the contemporary imagination.

“Black Panther was actually one of the starting points for me to be more interested in the discussions on blackness”, Santos says. “The film involves many issues related to empowerment and self-esteem. Take hair, for example: in the movie, the braids that some characters wear helped me in the process of transitioning from the artificially straight hair to my natural curly hair. Braids are a strong symbol of blackness; as much as they are linked to beauty, they are much more than that, for us they mean resistance. So, I changed the way I see myself as a black woman. Until the film was released, I had never seen anything that made me feel that sense of representation before, and it was from there that I began to get involved with other issues such as the genocide of the black population, and black feminism. I believe this is how a movie like Black Panther inspires us, by showing ourselves who we really are.”

#### **FROM THE CLASSROOM TO THE CATWALK**

Professor Aymê Okasaki, who has been teaching at Uniso’s Fashion Design program since 2017, has been involved with African-inspired fashion since she was an undergraduate student, between 2009 and 2012. As part of her doctoral research,



Pantera Negra (*Black Panther*), 2018



com a moda de inspiração africana desde o período em que ainda era uma estudante de graduação, entre 2009 e 2012. Atualmente, como parte de sua pesquisa de doutorado, desenvolvida no Programa de História Social da Universidade de São Paulo (USP), ela estuda a indumentária do candomblé — uma religião brasileira que data mais intensamente do século XIX, a qual cultua divindades africanas dos panteões iorubá, bantu e jeje, além de integrar elementos do catolicismo e também das culturas indígenas brasileiras. Em sua prática didática, e a partir de suas próprias pesquisas, Okasaki vem tentando incluir a moda de inspiração africana tanto quanto possível nas salas de aula da Uniso. Dois de seus **ARTIGOS** mais recentes são relacionados a essa temática, resgatando a história de tecidos tradicionais africanos.

Siga os links ao lado para conhecer os artigos (1) “African Aço in Brazilian Candomblés” e (2) “Tecidos africanos e africanizados nos candomblés paulistas”, publicados em 2020 e 2021, respectivamente, por Okasaki

Follow the links to check the published papers (in Portuguese)

“Além de professora, sou pesquisadora e sou aluna, e percebo que os debates relacionados à negritude e à cultura afro-brasileira aparecem em momentos muito pontuais na universidade, especialmente em novembro — quando é comemorado o Dia da Consciência Negra no Brasil — ou quando um caso de racismo extremo aparece nas mídias. Infelizmente, existe uma taxa desigual de alunos negros em nosso curso. O número de docentes negros também é pequeno nos cursos universitários de Moda no país. Então, acredito que é importante que esses alunos se sintam representados de alguma maneira na academia”, defende Okasaki.

Foi nesse contexto que surgiu no colegiado de Moda da Uniso a ideia de organizar um desfile com inspiração africana, a partir do filme Pantera Negra, que, na época, no início de 2019, ainda estava gerando muitos debates, especialmente devido às sete indicações ao Oscar, das quais o filme venceu três, incluindo o de melhor figurino.

currently being developed at the University of São Paulo (USP), in the Social History program, she studies the attire of *Candomblé*—a Brazilian religion that dates more intensely from the 19<sup>th</sup> century, which worships African deities from the Yoruba, Bantu and Jeje pantheons, besides integrating elements of Catholicism and Brazilian indigenous cultures. As part of her educational practices, and based on her own research, Okasaki has been trying to include African-inspired fashion as much as possible in the classrooms of Fashion Design at Uniso. Two of her most recent **PAPERS** are related to this theme, addressing the history of traditional African fabrics.



“Besides being a professor, I am a researcher, and also a student, so I did realize that debates related to blackness and Afro-Brazilian culture pop up at very precise occasions when it comes to academia, especially in November—when Black Awareness Day is celebrated in Brazil—or when a case of extreme racism is in the media. Unfortunately, there is an uneven rate of black students enrolled in our program. The number of black professors in Fashion Design is also very small in the country. So, I believe it is important that these students feel somewhat represented within the academic environment,” Okasaki argues.

This was the context in which Uniso’s Fashion Design professors came up with the idea to organize an African-inspired fashion. It was conceived to be based on the film Black Panther, which at the time, in early 2019, was still generating many debates, especially due to its seven Oscar nominations, out of which it won three, including Best Costume

“Em todas as nossas atividades de recepção nós buscamos oferecer aos estudantes temáticas de discussão a partir das quais eles possam se inspirar para criar, mas também refletir criticamente. Na época, esse filme teve muita visibilidade, por conta da representatividade negra no cinema e pelo figurino, assinado por Ruth E. Carter. Esse figurino incluía chapéus de casamento zulu, colares das mulheres ndebele, mantos de Lesotho, os famosos símbolos adinkra, os tecidos kente, as saias de ráfia dos dogon, entre tantas outras referências, mescladas com tecnologias futuristas. Essa é uma característica do **AFROFUTURISMO**”, diz a professora.

Design. “In every single one of our induction activities, we seek to provide students with thematic discussions for them to be inspired to create, but also to think critically. At the time, this film had a lot of visibility, due to black representation on-screen, and also because of the costumes, signed by Ruth E. Carter. These costumes included Zulu wedding hats, Ndebele necklaces, Lesotho robes, the famous Adinkra symbols, Kente fabrics, Dogon raffia skirts, among so many other references, mixed with futuristic technologies. This is a characteristic of **AFROFUTURISM**,” the professor says.

### PARA SABER MAIS: RUTH E. CARTER E AFROFUTURISMO

Em toda a história do Oscar, o principal prêmio do cinema mundial, Ruth E. Carter foi a primeira mulher negra a levar o prêmio de melhor figurino. Contatada pela revista Uniso Ciência e posicionando-se por meio de sua assessoria, Carter explica a sua concepção de afrofuturismo, a estética que direcionou o projeto do filme Pantera Negra, pelo qual ela ganhou o prêmio: “O afrofuturismo é um entrelaçamento da cultura e da diáspora africana com tecnologia, imaginação, autoexpressão e espírito empreendedor. É uma filosofia para que os afrodescendentes, os africanos e os indígenas acreditem e criem sem os construtos limitadores da escravidão e do colonialismo. O afrofuturismo se manifesta numa estética cultural que mescla o tradicional e o moderno. Todo o meu trabalho tem sido uma expressão do afrofuturismo, usando imaginação e tecnologia para criar figurinos que contam histórias sobre a nossa cultura e fortalecem a crença dos espectadores em si mesmos. Porque eles podem se ver de fato representados na tela. Essa é uma jornada tanto individual quanto coletiva.”

### TO KNOW BETTER: RUTH E. CARTER AND AFROFUTURISM

Throughout the history of the Oscars, the main prize when it comes to cinema worldwide, Ruth E. Carter was the first black woman to win the award for Best Costume Design. Contacted by the Science @ Uniso magazine, and answering through her agent, Carter explains her concept of Afrofuturism, the aesthetics that guided the project of Black Panther, for which she accepted the award: “Afrofuturism is the African culture and diaspora using technology and intertwining it with imagination, self-expression, and an entrepreneurial spirit. This promotes a philosophy for Black Americans, Africans, and Indigenous people to believe and create without the limiting construct of slavery and colonialism. This manifests a cultural aesthetic that merges traditional and modern with function. My entire body of work has been an expression of Afrofuturism, using imagination and technology to create costumes that tell stories about our culture that empower the viewer’s belief about themselves. Because they can see themselves represented on the screen, it is Afrofuture. This is both an individual and a collective journey.”

Santos — que prefere ser chamada de Tami Dagnes —, a influenciadora digital sobre beleza negra do curso de Jornalismo, foi uma das estudantes que participou do desfile como modelo, na época vestindo um look assinado por uma equipe de sete estudantes (Túlio Freitas, Keila Lima, Larissa Branco, Júlia Machado, Mariana Silva Pereira, Lais Morais e Letícia Giovana). Do curso de Moda, foram cerca de 40 estudantes de etapas distintas que participaram da atividade, criando peças exclusivas inspiradas pelo filme, mas concebidas num contexto brasileiro — em que cerca de metade da população se identifica como preta ou parda, como é importante ressaltar. “Uma equipe, por exemplo, incluiu numa das peças a figura da baiana, evocando uma brasilidade que está imbricada nas potências criativas e na cultura negra no Brasil”, exemplifica Okasaki.

## Peças criadas por estudantes de Moda incorporaram elementos africanos em diálogo com o contexto cultural brasileiro

“Essa atividade foi uma loucura!”, lembra Marcel Marques de Jesus, um dos estudantes do curso de Moda que também esteve envolvido. “Foi uma delícia, porque houve muita troca. Havia algumas meninas que já entendiam muito

Santos—who prefers to be called Tami Dagnes—the black beauty digital influencer enrolled in the Journalism program, was one of the students who took part in the fashion show as a model, wearing a look signed by a team of seven students (Túlio Freitas, Keila Lima, Larissa Branco, Júlia Machado, Mariana Silva Pereira, Lais Morais, and Letícia Giovana). About 40 Fashion Design students from different stages of their education took part in the activity, creating exclusive pieces that were inspired by the film, but conceived in a Brazilian context—where about half of the population identifies as black. “One of the teams, for example, included in one of their pieces the image of the baiana (namely, the Brazilian women from the state of Bahia, whose traditional clothes usually include long round dresses), thus evoking a sense of Brazilianness that is intertwined with the creative powers of Brazilian black culture,” Okasaki says.

## Pieces designed by Fashion students incorporated African elements, as well as the Brazilian cultural context

“This activity was crazy!,” recalls Marcel Marques de Jesus, one of the Fashion Design students who got involved in the show. “It was so fun, because there was a lot of sharing. There were some girls who already knew a lot about sewing,

de costura, algo que na época eu ainda não dominava, e, com a soma do que nós sabíamos, nós criamos as peças e foi muito emocionante, além de ter sido muito importante levantar essa questão racial. Depois dessa atividade, nós tivemos a nossa Semana de Moda, que contou com a participação de profissionais e pesquisadores negros maravilhosos, como a Hanayrá Negreiros e o Isaac Silva. Tudo isso começou com o desfile inspirado pelo Pantera Negra.”

Para Jesus, que não se identifica como negro, mas vem de uma família bastante miscigenada (incluindo uma avó negra), a inspiração africana não se resumiu ao desfile. Posteriormente, em 2020, ele defendeu o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), orientado por Okasaki e inspirado tanto em movimentos negros periféricos do Brasil quanto por outra religião sincrética de origem africana, a Umbanda, que nasceu no início do século XX, no Rio de Janeiro. “Durante a minha graduação em Moda — que na verdade é a minha segunda faculdade (a primeira foi em Jornalismo, também na Uniso) —, tive um despertar para as questões sociais brasileiras. A motivação para o meu trabalho foi muito simples: foi este racismo estrutural que a gente experimenta diariamente no Brasil. O que mais me motivou foi o fato de eu experimentar esse apagamento da cultura de origem africana na minha vida, na minha própria criação. Este foi o momento de eu olhar para tudo isso e falar ‘Esta é a minha cultura’, porque o Brasil também é África, já que a nossa cultura bebeu muito da cultura africana desde a época colonial”, ele explica. Além da pesquisa bibliográfica, seu TCC incluiu uma coleção original de oito peças, totalizando cinco looks completos, alguns dos quais podem ser conferidos na página 55 desta edição.

something that I did not know very well back then, so we collaborated in order to create the pieces. It was very exciting, and also very important to address this racial issue. After this activity, we had our Fashion Week, which included the participation of wonderful black professionals and researchers such as Hanayrá Negreiros, and Isaac Silva. And it all started with the fashion show inspired by Black Panther.”

Jesus says he does not identify as black, but comes from a very mixed family (which includes a black grandmother), and that, in his case, the African inspiration was not limited to the show. Later, in 2020, he presented his final project as a student, which was advised by professor Okasaki and inspired both by black movements from Brazilian ghettos and by another syncretic religion of African origin, Umbanda, which dates from the early 20<sup>th</sup> century, in the city of Rio de Janeiro. “During my education in Fashion Design—which is actually my second degree (the first was Journalism, which I also earned from Uniso)—, I became very ‘woke’ regarding Brazilian social issues. The motivation for my work was a very simple one: this structural racism that we experience in a daily basis in Brazil. What motivated me the most was the fact that I experienced this silencing of African culture in my own life, as I was being raised. This was the moment for me to step up and say ‘This is my culture,’ because Brazil is also Africa, since our culture has been influenced by African culture since colonial times,” he explains. In addition to a literature review, his project included an original collection of eight pieces, comprehending five complete looks, some of which can be seen on page 55 of this issue of the Science @ Uniso magazine.



## A CULTURA POP E A EDUCAÇÃO

Pantera Negra é um produto da chamada **CULTURA POP**, mas o fato de não ser um livro ou mesmo um documentário — produtos tradicionalmente mais associados a materiais didáticos — não significa que ele não seja válido para uso em sala de aula, a exemplo da atividade desenvolvida no curso de Moda da Uniso. Para o professor doutor Marcos Reigota, pesquisador da pedagogia freireana e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Uniso há mais de duas décadas, a ressignificação de uma população historicamente marginalizada, por meio da cultura pop — em que se incluem as histórias em quadrinhos, os super-heróis e o cinema de produção “industrial” —, tem um componente político, cultural e pedagógico que ele define como extraordinário.

## POP CULTURE AND EDUCATION

Black Panther is a product of the so-called **POP CULTURE**, but the fact that it is not a book or even a documentary—traditionally more associated with teaching materials—does not mean it is not valid to be used in the classroom, just as the activity developed in the Fashion Design program at Uniso shows. According to professor Marcos Reigota, researcher of Freirean pedagogy and professor of Uniso’s graduate program in Education for more than two decades, the re-signification of this historically marginalized population through pop culture—which includes comics, superheroes, and “industrial” cinema—has a political, cultural, and pedagogical component that he defines as extraordinary.

### PARA SABER MAIS: O QUE É CULTURA POP?

“O autor Anthony Giddens, em seu livro *Modernidade e Identidade*, define a cultura pop como o entretenimento criado para grandes audiências, como os filmes populares, os shows, as músicas, os vídeos e os programas de TV. Como o autor observa, muitas vezes a cultura pop é comparada à alta cultura, o que sugere que diferentes classes sociais desenvolvem diferentes identidades baseadas em experiências culturais distintas”, explica a professora mestra Graziella Malagó, que leciona em vários dos cursos de graduação na área de Ciências Sociais Aplicadas da Uniso desde 2014 e atualmente está desenvolvendo uma tese de doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade, justamente sobre o processo de construção social da negrura via representações visuais nas mídias. Para ela, o trunfo da cultura pop é a sua inserção em massa, propagando-se sem escolher identidades.

### TO KNOW BETTER: WHAT IS POP CULTURE?

“The author Anthony Giddens, in his book *Modernity and Self-Identity*, defines pop culture as the entertainment designed for large audiences, such as popular films, concerts, music, videos, and TV shows. As the author mentions, pop culture is often compared to high culture, which suggests that different social classes develop different identities based on different cultural experiences,” explains professor Graziella Malagó, who lectures several classes at Uniso’s Applied Social Sciences programs since 2014, and is currently working on her doctoral dissertation on the process of social construction of blackness through visual representations in the media, to be defended at the university’s graduate program in Communication and Culture. For her, the most important aspect of pop culture is its capability of propagating massively, without choosing between identities.



Alguns dos looks que fizeram parte da coleção original de Jesus, inspirada em movimentos negros periféricos e na religião Umbanda (modelos: Mariana Beatriz Aparecida Camargo de Assis, Heitor Fabio Cardoso, Maria Mar de Ubuntu Marciano)

Some of the looks that were part of Jesus’ original collection, inspired by Brazilian black movements, and also by a syncretic religion of African origin called Umbanda (fashion models: Mariana Beatriz Aparecida Camargo de Assis, Heitor Fabio Cardoso, Maria Mar de Ubuntu Marciano)



“O filme Pantera Negra, pela sua pertinente ousadia estética e contemporaneidade, bem como pelos aspectos políticos envolvidos, encontrou terreno fértil não só entre os ativistas dos grupos marginalizados, mas também entre grupos solidários e antirracistas. Tudo isso era previsível, considerando o histórico de luta por direitos civis, não só nos Estados Unidos, mas em várias partes do mundo. Mas o mais importante foi o fato de o filme ter chegado aos jovens que não vivenciaram esse histórico, ou que a ele estavam alheios”, defende Reigota.

Assim, a cultura pop pode ser compreendida como uma espécie de rota de acesso para introduzir temáticas mais complexas à pauta de discussão cotidiana, além de possibilitar que tais discussões migrem para as salas de aula, de forma orgânica, onde os docentes podem se valer das representações sociais — neste caso, sobre afrofuturismo e tensões raciais — que os próprios estudantes (mas também os professores) já trazem consigo. Essa é uma perspectiva alinhada ao que se chama de pedagogia freireana, que considera o estudante como um agente ativo na construção do próprio conhecimento (leia mais sobre isso na página 9 da edição de número 6 da revista Uniso Ciência, de dez./2020).

“Quando nós, professores ou professoras, adentramos uma sala de aula, nós a adentramos não só com nosso conhecimento e nossas competências técnicas, nossas habilidades e a legitimação institucional (via estudos e diplomas); nós a adentramos carregando nossos posicionamentos e nossas questões pessoais, indagações, dúvidas, experiências etc. — eu, por exemplo, como pesquisador e professor, devo muito ao que nos anos 1960 e 1970 se chamava de contracultura. Tudo isso nos caracteriza como sujeitos, como pessoas, como cidadãos. Da mesma forma o fazem nossos estudantes. Assim, todos nós, professores e professoras das Humanidades, bem como estudantes, temos enormes possibilidades de nos utilizarmos de produtos culturais diversos para incluir discussões em sala de aula, de forma sutil e criativa”, conclui Reigota.

“Black Panther, due to its bold aesthetics and contemporaneity, as well as the political aspects involved, was appraised not only by activists of marginalized groups, but also by anti-racist groups and their sympathizers. All of this was predictable, considering the history of fighting for civil rights, not only in the United States, but in many parts of the world. But the most important thing was the fact that the film reached young people who did not experience this history, or who were unaware of it,” he argues.

Therefore, pop culture can be understood as an alternative route to introduce more complex themes to the daily discussion agenda, besides allowing such discussions to reach classrooms in an organic way, where teachers can make use of social representations—in this case, about Afrofuturism and racial tensions—that students (and teachers alike) already possess. This perspective is aligned with Freirean pedagogy, which considers students as active agents when it comes to the construction of their own knowledge (you can read more on this topic on page 9 of the issue #6 of the Science @ Uniso magazine, from Dec./2020).

“When we enter a classroom as professors, we carry not only our knowledge, our technical skills, and an institutional status that is made legitimate by our studies and our diplomas; we enter it carrying our personal stances and issues, our questions, our doubts, our experiences etc.—as for myself, for example, I owe a lot, both as a researcher and a professor, to what in the 1960s and 1970s was called counterculture. All of this characterizes us as individuals, as people, as citizens. The same goes for our students. Therefore, all of us, both professors and students of the Humanities, have enormous possibilities of using different cultural products in order to propose discussions in the classroom, in a subtle and creative way,” Reigota concludes.



Uma tarde silenciosa na biblioteca; há vários propósitos para os novos espaços: eles servem para estudar, reunir pessoas durante reuniões, e até mesmo para ouvir música às sextas-feiras à noite!

A quiet afternoon at the library; the new areas serve many purposes: studying, organizing meetings, and even partying to the sound of music when it's Friday night!

Foto/Photo: Fernando Rezende